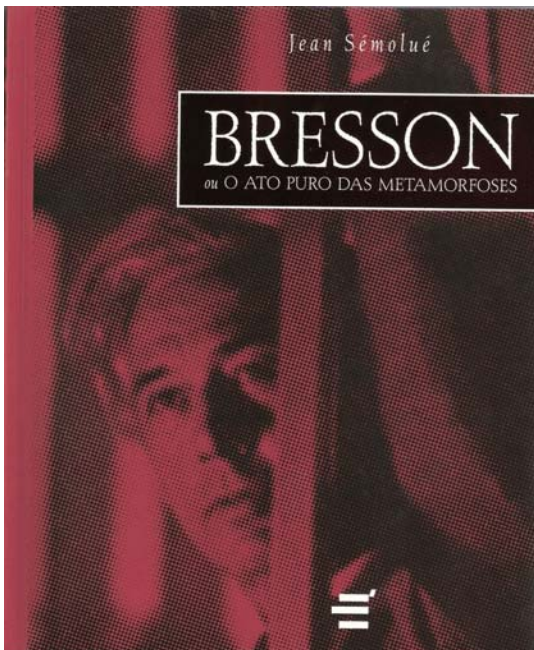


Sobre *Bresson ou O ato puro das metamorfoses*, de Jean Sémolué. São Paulo: É Realizações, 2011. 369 pp., Tradução de Lília Ledon da Silva. ISBN 978-85-8033-043-4.

Por Josette Monzani.*



Acaba de ser lançado no Brasil o livro de Jean Sémolué, *Bresson ou O ato puro das metamorfoses* (São Paulo: É Realizações, 2011), em tradução de Lília Ledon da Silva. Esta publicação vem preencher uma lacuna editorial brasileira na área cinematográfica, no concernente às interpretações da obra desse grande realizador francês. Essa editora lançou no mesmo pacote o roteiro de *O processo de Joana d'Arc* e os romances de Georges Bernanos que deram origem a filmes de

Bresson: *Diário de um pároco de aldeia* (tradução de Edgar da Mata-Machado) e *Nova História de Mouchette* (tradução de Pablo Simpson). *Sob o sol de Satã* (tradução de Jorge de Lima), origem da história de Mouchette, também foi agora lançado.

Os filmes de Robert Bresson são pouco estudados no Brasil. Talvez isso se deva às dificuldades para se ter acesso até recentemente à sua obra e comentadores. Pouco a pouco, porém, seus filmes vêm sendo colocados à disposição do público via DVD (há oito títulos lançados atualmente), por selos diversos.

Jean Sémolué, editor que antecedeu Serge Daney nos *Cahiers du Cinéma*, é um admirador da obra de Bresson, a qual acompanha através de artigos desde 1957. Suas reflexões, uma das quais já havia sido publicada em

forma de ensaio por Jean Mitry em 59, tomaram finalmente a forma de livro em 1993, movidas não somente pelo frescor do primeiro contato, mas pelo poder crítico gerado pelo distanciamento temporal. Segundo o autor, era chegada a hora de fazer um balanço dessa obra que tanto o deleitara e ocupara. Nesta obra – que é esta ora comentada – Sémolué opta por analisar Bresson filme a filme (foram treze) em busca de suas particularidades e suas possíveis imbricações que depois, em visão de conjunto, irão apontar o caminho poético do realizador.

A leitura desse livro enriquece o espectador de Bresson e o instiga a rever e a reanalisar o seu conjunto de filmes. Bresson, diretor que encantou diretores tão distintos em seus processos criativos, a exemplo de Godard, Chabrol, Duras, Tarkovski e Reygadas, tinha um particular meio de conceber o cinema, não como “um espetáculo”, diria ele, mas como “uma escritura”. Em função dessa crença, passou a distinguir o cinematógrafo – o cinema tal como feito por ele – do simples cinema – uma espécie de teatro filmado. Essa concepção fará toda a diferença; distinguirá a sua obra pela beleza das imagens sonoro-visuais decorrente da não-impostação, poderíamos dizer, da ‘limpeza’ que as acompanha. Nada de excessos, nada de sobressaltos nas narrativas bressonianas. As emoções hão de decorrer dos elementos em si mesmos, em sua articulação serena. “A poesia tem de surgir unicamente de uma certa continuidade da invenção”, ele afirma. Em outro momento, Bresson coloca que ao dar ao seu filme o título *Um condenado à morte escapou*, ele desejava evitar ao espectador ficar se perguntando se o preso escaparia ou não, o que o impediria de desfrutar a narrativa em si mesma.

O cotejamento constante com os aforismos bressonianos contidos em *Notas sobre o cinematógrafo* (São Paulo: Iluminuras, 2005), além das múltiplas referências a entrevistas dadas por Bresson, faz das leituras de Sémolué diálogos ainda mais ricos e intensos com o diretor. Em suas análises, podem-se perceber aplicadas algumas das máximas do cineasta, tais como “certifique-se de ter esgotado tudo o que é comunicado pela imobilidade e pelo silêncio” e

“criar não é deformar ou inventar pessoas e coisas. É atar entre pessoas e coisas que existem, e *tais como existem*, relações novas” (grifo do autor).

Mas, a leitura de Sémolué não mostra apenas este lado do projeto poético de Bresson. Capítulo a capítulo ele vai desvelando as múltiplas camadas adjacentes a esse fazer que pode parecer – para alguns críticos isso até mesmo ocorre - estar afeito apenas ao belo e leve da existência humana. Bresson busca concisão, brevidade; “a maior intensidade possível na menor quantidade possível de efeitos técnicos” (p. 25). Isso não implica caminhar sobre a superfície das coisas, no seu caso, muito pelo contrário. Trata-se de sugerir que, seguindo aqui Sémolué, “por trás das ações visíveis, se trava uma ação cujo sentido pode bem nos escapar, mas nos dirige” (p. 91). É desse *invisível* que se ocupa Bresson – a solidão, a incompreensão, a má-consciência, as afinidades amorosas, a redenção, enfim, a fortuna e os infortúnios que cingem a vida humana e tornam densa e múltipla a sua natureza.

Sémolué ainda recolhe e comenta as críticas que se debruçaram sobre a obra bressoniana, tal como a de André Bazin que, em um ensaio de 1951 (O diário de um padre e a estilística de Robert Bresson) publicado nos *Cahiers du Cinéma*, já bem definia o estilo desse diretor: “Pela primeira vez sem dúvida o cinema nos oferece não apenas um filme cujos únicos acontecimentos verdadeiros, os únicos movimentos sensíveis são os da vida interior, mas, mais ainda, uma nova dramaturgia especificamente religiosa ou, melhor, teológica: *uma fenomenologia da salvação e da graça*” (grifo nosso).

Enfim, trata-se de um livro fundamental para os que já curtem a obra de Robert Bresson e um caminho para aqueles que se interessam pelos modos da cinematografia mundial tanto quanto para os que cuidam de cultivar os afetos que – para o bem ou para o mal - calçam nossa vida pessoal e social.

* Profa. do Bacharelado e dos Programas de Mestrado em Imagem e Som e em Estudos de Literatura, da Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brazil. E-mail: "Josette Monzani" <jmonzani@ymail.com>